Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Inês Maria Casimiro Moreira

Análise do Processamento Emocional numa Amostra de Pessoas Ofensoras em Reclusão com Traços Psicopáticos

Analysis of Emotional Processing in a Sample of Offenders in Prison with Psychopathic Traits

junho de 2025

Análise do Processamento Emocional numa Amostra de Pessoas Ofensoras em Reclusão com Traços Psicopáticos
Inês Moreira
UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Inês Maria Casimiro Moreira

Análise do Processamento Emocional numa Amostra de Pessoas Ofensoras em Reclusão com Traços Psicopáticos

Analysis of Emotional Processing in a Sample of Offenders in Prison with Psychopathic Traits

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da

Professora Doutora Olga Cunha e da **Professora Doutora Sónia Caridade**

junho de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do Repositório da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/bync-nd/4.0/

Agradecimentos

A conclusão desta dissertação marca o fim de um percurso longo e trabalhoso de cinco anos académicos. Como tal, não poderia deixar de mostrar a minha gratidão às pessoas que me acompanharam e apoiaram.

Em primeiro lugar, agradeço às minhas orientadoras da dissertação, a professora doutora Olga Cunha e a professora doutora Sónia Caridade, pelo apoio, disponibilidade, conhecimento e ajuda ao longo deste processo. A vossa orientação foi essencial para a elaboração desta dissertação.

À minha família, em especial à minha mãe e ao meu padrasto, pelo incessante apoio e motivação ao longo dos 5 anos, durante todos os desafios e conquistas. É graças a vocês que esta conclusão é possível.

Às melhores amigas que a universidade me poderia ter oferecido, Daniela Mendes, Carla Rodrigues, Eva Tavares e Clara Ferreira. Vocês foram com certeza das melhores pessoas que eu poderia pedir para me acompanharem neste caminho que é a psicologia. Obrigada pela amizade, pelas palavras de apoio, pela motivação, por cada lágrima e riso partilhado, sei que vos vou guardar para a vida.

Por fim, agradeço a todos os participantes que integraram esta dissertação, pela vossa disponibilidade e confiança neste trabalho.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração deste trabalho académico, pelo que não recorri à prática de plágio, nem a qualquer outra forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados, em nenhuma das etapas.

Mais declaro que conheço e respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho,

_____

Resumo

A relação entre psicopatia e processamento emocional tem sido amplamente estudada. O objetivo principal deste estudo foi perceber se existem diferenças no processamento emocional em pessoas com maior e menor propensão psicopática. A amostra incluiu 137 participantes do sexo masculino em reclusão, com uma média de idades de 38.49 anos. Os instrumentos utilizados foram o questionário Sociodemográfico e Jurídico-penal, o *International* Affective Picture System (IAPS), o *Self-Assessment Manikin* (SAM) e o *Self-Report Psychopathy Scale-Short Form* (SRP-SF). Os resultados revelaram que a maioria dos participantes demonstrou baixa propensão psicopática. Os reclusos com maior propensão psicopática apresentaram respostas emocionais inferiores no domínio da valência, ao visualizar imagens agradáveis, mas semelhantes no domínio da excitação, em comparação aos de menor propensão. Não houve diferenças entre os grupos no domínio da dominância para as imagens desagradáveis, nem nos três domínios para as imagens neutras. Verificou-se ainda que as facetas interpessoal e afetiva da psicopatia se correlacionaram significativamente com os domínios emocionais nos indivíduos com maior propensão psicopática. Este estudo realça a importância de compreender a relação entre a psicopatia e o processamento emocional de modo a elaborar planos de intervenção mais adequados, que promovam a capacidade de reconhecimento e expressão emocional destes indivíduos.

Palavras-chave: Psicopatia; Processamento Emocional; Pessoas Ofensoras; Reclusão.

Abstract

The relationship between psychopathy and emotional processing has been widely studied. The main objective of this study was to determine whether there are differences in emotional processing between individuals with higher and lower psychopathic propensity. The sample included 137 male inmates, with an average age of 38.49 years. The instruments used were the Sociodemographic and Legal-Criminal Questionnaire, the International Affective Picture System (IAPS), the Self-Assessment Manikin (SAM), and the Self-Report Psychopathy Scale-Short Form (SRP-SF). The results revealed that most participants demonstrated low psychopathic propensity. Inmates with higher psychopathic propensity showed lower emotional responses in the valence domain when viewing pleasant images, but similar in the arousal domain when compared to those with lower propensity. There were no differences between the groups in the decrease in dominance for unpleasant images, nor in the three domains for neutral images. It was also found that the interpersonal and affective facets of psychopathy correlate significantly with the emotional domains in individuals with a greater psychopathic propensity. This study highlights the importance of understanding the relationship between psychopathy and emotional processing in order to develop more appropriate intervention plans that promote the capacity for emotional recognition and expression in these individuals.

Keywords: Psychopathy; Emotional Processing; Offenders; Inmates.

Índice

Enquadramento Teórico 9
Psicopatia 9
Processamento emocional e psicopatia 11
Objetivos e hipóteses 13
Método 14
Participantes 14
Instrumentos 15
Procedimento 17
Análise de Dados 17
Resultados 17
Análises descritivas 17
Diferenças na proporção de indivíduos com maior e menor propensão psicopática 20
Diferenças nos domínios valência, excitação e dominância entre indivíduos com maior e menor propensão psicopática 20
Correlações entre as facetas da psicopatia e os domínios valência, excitação e dominância 21
Discussão 22
Limitações e Recomendações 24
Conclusão 26
Referências Bibliográficas 28
Anexo A 31

Índice de Tabelas e Gráficos

Tabela 1 – Caracterização Sociodemográfica dos participantes 5
Tabela 2 – Médias e Desvios-Padrão das imagens agradáveis, desagradáveis e neutras e da valência, excitação e dominância 10
Tabela 3 - Médias e Desvios-Padrão das facetas Interpessoal, Afetiva, Estilo de vida e Antissocial do SRP 11
Tabela 4 - Análise de propensão psicopática dos participantes.....11

Tabela 5 – Comparação das imagens agradáveis, desagradáveis e neutras da valência, excitação e dominância, considerando a propensão psicopática.....12
Tabela 6 – Correlação entre as imagens agradáveis, desagradáveis e neutras da valência, excitação e dominância, considerando as facetas Interpessoal, Afetiva, Estilo de Vida e Antissocial da psicopatia...13

Lista de Abreviaturas

SRP-SF - Self-Report Psychopathy Scale – Short Form

IAPS – International Affective Picture System

SAM – Self-Assessment Manikin

Enquadramento Teórico

Psicopatia

Segundo Hare (2003), um indivíduo "psicopata" é alguém sem capacidade de demonstrar empatia ou preocupação genuína pelos outros, manipulando-os de modo a satisfazer os seus desejos. De acordo com Hare et al. (1991), a psicopatia pode considerar-se um construto clínico determinado por um padrão de características interpessoais e afetivas como o egocentrismo, a manipulação, a irresponsabilidade, a superficialidade afetiva, a impulsividade, a ausência de remorsos, e por um padrão de comportamentos antissociais, que podem ou não ser criminosos.

Este construto encontra-se amplamente enraizado na *Checklist* de Psicopatia de Hare – Revista (PCL-R; Hare, 1991, 2003), ou seja, um dos instrumentos de avaliação da psicopatia mais importantes. Esta *Checklist* avalia traços de personalidade inferidos e comportamentos associados à psicopatia (Hare, 1991, 2003). Ainda que inicialmente desenvolvida para avaliar um construto unitário, alguns estudos (e.g., Hare, 1991, 2003) demonstraram que a psicopatia deve ser concetualizada como um construto multidimensional. Neste sentido, a psicopatia tem sido agrupada em diferentes estruturas fatoriais, gerando um amplo debate sobre o papel do comportamento antissocial na definição da psicopatia. Primeiramente, Hare (1991) propôs o Modelo de Dois Fatores, onde o comportamento antissocial era tratado como um sintoma. Posteriormente, Cooke e Michie (2001) propuseram uma estrutura alternativa, o Modelo de Três Fatores, no qual o comportamento antissocial era visto como uma consequência da psicopatia, e não como parte essencial da "perturbação". Por fim, em resposta a essa abordagem, Hare (2003) desenvolveu o Modelo de Quatro Fatores, incorporando os três fatores de Cooke e Michie (2001), ou seja, a faceta interpessoal, que se caracteriza por traços como manipulação, grandiosidade, mentira patológica e charme superficial; a faceta afetiva, que envolve a ausência de remorso ou culpa, a insensibilidade afetiva, a incapacidade de empatia e a superficialidade emocional; e a faceta do estilo de vida, que reflete comportamentos impulsivos, irresponsabilidade, necessidade de estimulação constante e um estilo de vida parasita; e adicionou uma quarta faceta antissocial, que engloba comportamentos de delinquência juvenil, problemas de comportamento precoces e criminalidade persistente na vida adulta.

A natureza da psicopatia tem gerado debate entre vários investigadores, envolvendo discussões sobre a sua natureza dimensional ou taxonómica (Sellbom & Drislane, 2021). Neste contexto, tem sido defendido que a psicopatia não é um táxon, ou seja, não representa uma categoria distinta de indivíduos. Em vez disso, Sellbom e Drislane (2021) sustentam uma abordagem dimensional, segundo a qual os traços psicopáticos variam em grau na população geral. Isto implica que as diferenças entre indivíduos

considerados "psicopatas" e "não psicopatas" são quantitativas, relacionadas com a intensidade dos traços, e não qualitativas, relacionadas com a presença ou ausência de uma entidade clínica distinta. Adicionalmente, estudos sobre as facetas interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial da psicopatia (Hare, 2003; Patrick et al., 2009) mostram que estas tendem a apresentar perfis diferenciados de correlações com outras variáveis psicológicas e comportamentais (como a empatia, impulsividade, agressividade, regulação emocional, ansiedade, narcisismo, comportamento delinquente ou criminal, tomada de decisão moral e relacionamentos interpessoais) (Guay et al., 2007). Isto sugere que, embora façam parte do mesmo constructo global, as subdimensões da psicopatia (como, por exemplo, a frieza emocional) podem funcionar de forma independente e estar associadas a diferentes mecanismos psicológicos e contextos situacionais (Lilienfeld, 2018).

A relação entre psicopatia e condutas criminais tem sido amplamente estudada na literatura forense e psicopatológica, revelando-se particularmente relevante para a compreensão do comportamento criminal. Ling et al. (2019) explicaram que os adultos com traços de psicopatia têm tendência em enveredar por atos criminais desde tenra idade, cometendo uma maior variedade de crimes e crimes mais violentos do que os indivíduos sem estes traços. No mesmo sentido, Cunha et al. (2018) descobriram que a psicopatia se apresentava como um preditor significativo da violência em relações de intimidade. Walters (2003), numa meta-análise baseada na PCL-R (Hare, 2003), concluiu que as facetas estilo de vida e antissocial estavam moderadamente correlacionadas com o ajustamento institucional (isto é, a adaptação do indivíduo à vida prisional) e com a reincidência criminal. Estes resultados sugerem que traços como a impulsividade, irresponsabilidade, necessidade de estimulação e historial de delinquência, estão particularmente implicados na manutenção de comportamentos problemáticos dentro e fora do contexto prisional.

Numa outra meta-análise conduzida por Sanz-García et al. (2021), é apresentada uma prevalência geral de psicopatia na população adulta de 1.2% utilizando o instrumento PCL-R (Hare, 2003). Este estudo concluiu que a psicopatia era aproximadamente duas vezes mais prevalente em homens do que em mulheres, com estimativas médias de 7.9 % vs. 2.9 %. No que diz respeito à prevalência da psicopatia em populações reclusas, os dados são robustos e consistentes. Estima-se que cerca de 15% a 25% dos indivíduos em instituições prisionais apresentem níveis elevados de traços psicopáticos, em contraste com uma prevalência de 1% a 2% na população geral (Hare, 2003; Neumann & Hare, 2008).

Processamento emocional e psicopatia

O processamento emocional é um termo complexo que se refere a um conjunto de mecanismos afetivos, comportamentais e cognitivos que constituem a base das nossas emoções (Kret & Ploeger, 2015). Dado o impacto das emoções nos processos mentais (por exemplo, na memória, na tomada de decisão, entre outros) e nos comportamentos manifestos (por exemplo, no comportamento de ajuda, uso de drogas, entre outros), ser capaz de reconhecer e regular as emoções é fundamental para a saúde mental (Kret & Ploeger, 2015).

Rijnders et al. (2021) revelaram que o processamento de informações afetivas faciais nos indivíduos com maiores níveis de psicopatia está associado a um maior controlo atencional, com uma tendência para o indivíduo se focar mais nos objetivos principais, enquanto presta menos atenção a estímulos secundários. Isto significa que os indivíduos com altos níveis de psicopatia se focam em perceber o que os outros estão a sentir somente para utilizarem esses sentimentos para proveito próprio.

Edalati et al. (2016) realizaram um estudo com 33 reclusos masculinos usando uma tarefa de *dot probe* com rostos emocionais (com raiva, felizes, tristes, com medo) em comparação com neutros. No geral, os autores apuraram que a atenção foi desviada dos rostos emocionais. O único efeito significativo em relação à psicopatia foi uma relação positiva entre o índice de atenção para rostos felizes e a faceta afetiva da psicopatia. Os autores interpretaram isto como uma associação positiva entre a psicopatia e a atenção direcionada a rostos felizes. No entanto, como o efeito geral foi de desvio dos rostos felizes, uma interpretação mais adequada poderia ser uma redução na tendência de evitar esses rostos (Snowden et al., 2022).

Através de recursos de neuroimagem, foi possível perceber que os sujeitos que apresentam traços de psicopatia possuem algumas alterações neuroanatómicas, mais especificamente na amígdala, sendo que esta está diretamente ligada ao processamento emocional (principalmente o processamento do medo e das emoções negativas) (Vasconcellos et al., 2014). Dessa forma, Vasconcellos et al. (2014) propuseram explicações para esses défices cognitivos e emocionais, atribuindo-os a uma disfunção na amígdala, que comprometeria o processamento emocional.

Blair (2010) postulou um argumento relativo à capacidade reduzida de indivíduos com traços de psicopatia para processar informações emocionais complexas, tendo, no entanto, habilidades para reconhecer e responder a emoções mais básicas. Este autor sugeriu que estes indivíduos possuem uma deficiência específica na regulação emocional do medo e da tristeza e, por consequência, também demonstram défices em considerar essas mesmas emoções como aversivas. Em efeito, não sentem

consequências negativas (por exemplo, sentirem-se mal), e em vez de inibirem ações antissociais para com outros sujeitos, sentem-se encorajados para o fazer.

Newman et al. (2010) sugerem que os défices na perceção do medo são mais evidentes em condições de pouca ameaça e menos evidentes quando a ameaça aumenta. Estes mesmos autores explicaram também que o foco atencional é o responsável pelas diferenças nos défices observados e não a intensidade do estímulo não condicionado. Estes sugerem ainda que a resposta normativa dos indivíduos com traços de psicopatia aos sinais de medo em condições focadas na ameaça decorre do facto de que a informação da ameaça nesta condição é relevante para o desempenho e, portanto, instrumentalizam a emoção conforme os seus próprios objetivos. Relacionando com o modelo de quatro fatores de Hare (2003), Gordon et al. (2004) afirmam que as facetas interpessoal e afetiva da psicopatia estão associadas à diminuição da reatividade da amígdala ao visualizar a emoção de medo expressa nos outros.

Estudos anteriores (e.g. Vallet et al., 2020) demonstraram que, em comparação com indivíduos não psicopatas, aqueles com traços psicopáticos apresentam uma resposta psicofisiológica atenuada diante de imagens desagradáveis. Contudo, Ruchensky et al, (2023), ao estudar a psicopatia triárquica, que sugere que a mesma acarreta traços de *meanness* (crueldade, falta de empatia, indiferença ao sofrimento dos outros, e comportamento manipulador e exploratório, sem preocupação com o bem-estar dos outros), *boldness* (ousadia, confiança excessiva e necessidade de estímulo e procura por experiências novas, sem medo de riscos) e *disinhibition* (desinibição, tendência a ignorar as consequências negativas de seus atos, mostrando falta de controlo dos impulsos e uma alta intolerância à frustração), concluíram que o traço de *meanness* estava associado a uma redução geral na reatividade a imagens desagradáveis. Ademais, observaram uma relação entre as respostas eletrocorticais e as respostas subjetivas (indivíduos com níveis mais elevados de meanness classificaram as imagens desagradáveis como menos aversivas e menos excitantes). Segundo Ruchensky et al, (2023), a diminuição na reatividade emocional entre esses indivíduos pode estar relacionada a uma desvinculação ou redução da atenção sustentada, e não necessariamente a uma falha na atenção inicial aos estímulos emocionais. Neste sentido, o traço de *boldness* demonstrou estar associado à atividade cortical tardia, sugerindo um processamento mais elaborado das imagens desagradáveis, ao invés de diferenças no processamento inicial dos estímulos entre indivíduos com que apresentam mais ou menos o traço de *boldness*. Ruchensky et al, (2023) concluíram que o traço de *meanness* pode estar relacionado a mais de um aspeto da psicopatia, ou seja, tanto à redução do vínculo emocional significativo com outras pessoas quanto a uma menor sensibilidade a ameaças. No que concerne o traço de *desinhibition*, os

autores não observaram associações significativas, explicando que como os participantes direcionaram a sua atenção de forma livre, poderá ter existido uma ausência de associações relacionada à forma variada como cada um dirigiu a sua atenção.

A investigação de Pham et al. (2021) com reclusos do sexo masculino veio refutar estas contestações. Utilizando os instrumentos *International Affective Picture System* (IAPS; Lang et al., 2008), *Self-Assessment Manikin* (SAM; Lang et al., 2008) e a *Pscyhopathy Checklist—Revised* (PCL-R; Hare, 2003), descobriram que as pessoas com psicopatia não expressavam menos emoções negativas, comparando com as pessoas sem psicopatia. Ademais, Pham et al. (2021) demonstraram que os indivíduos com psicopatia expressavam mais palavras emocionais para todas as imagens do instrumento IAPS do que os indivíduos sem psicopatia. Os resultados que Pham et al. (2021) através do instrumento SAM, indicaram que os indivíduos com psicopatia avaliaram as imagens desagradáveis de forma mais negativa do que os indivíduos sem psicopatia. Este estudo refuta os argumentos de que as pessoas com psicopatia utilizam menos palavras emocionais, ou que manifestam menos ativação emocional em resposta às imagens desagradáveis.

Objetivos e hipóteses

O objetivo principal deste estudo é analisar o processamento emocional em indivíduos do sexo masculino em reclusão com maior e menor propensão psicopática, tendo como objetivos específicos: a) identificar a percentagem de reclusos com maior e menor propensão psicopática; b) comparar os valores de valência, excitação e dominância para imagens agradáveis, desagradáveis e neutras em reclusos com maior e menor propensão psicopática; c) correlacionar as facetas interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial com os domínios valência, excitação e dominância para imagens agradáveis, desagradáveis e neutras em reclusos com maior propensão psicopática.

Após a elaboração dos objetivos apresentados, e considerando a literatura, elaboraram-se as seguintes hipóteses de investigação: Hipótese 1: A percentagem de reclusos com menor propensão psicopática é superior à de sujeitos com maior propensão psicopática; Hipótese 2.1: Os reclusos com maior propensão psicopática apresentam maiores valores de dominância ao visualizar imagens desagradáveis, em comparação com os reclusos com menor propensão psicopática; Hipótese 2.2: Indivíduos com maior propensão psicopática apresentam valores de valência e excitação próximos aos daqueles com menor propensão psicopática ao visualizarem imagens agradáveis; Hipótese 2.3: Os indivíduos com maior propensão psicopática apresentam valores de valência, excitação e dominância próximos dos valores dos indivíduos com menor propensão psicopática ao observar imagens neutras; Hipótese 3: As facetas interpessoal e afetiva apresentam uma correlação positiva estatisticamente

significativa com os domínios valência, excitação e dominância observados nos indivíduos com maior propensão psicopática, enquanto que as facetas estilo de vida e antissocial não evidenciam correlações significativas.

Método

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 137 indivíduos masculinos a cumprir pena em quatro estabelecimentos prisionais do norte de Portugal, com idade igual ou superior a 18 anos, e que possuíam capacidade de compreensão e expressão da língua portuguesa.

A idade dos indivíduos variou entre os 19 e os 76 anos, com uma média de idades de 38.49 (*DP*=10.759). No que respeita ao estado civil dos participantes, cerca de metade (59.1%) encontravam-se solteiros.

A nacionalidade dos participantes variou entre portuguesa (95.6%) e outras, como francesa (0.7%), portuguesa e espanhola (2.2%), portuguesa e francesa (0.7%), e portuguesa e cabo-verdiana (0.7%). Relativamente às habilitações literárias dos participantes, 5.8% possuíam o 1º ciclo de escolaridade, 32.8% o segundo ciclo, 35.0% o terceiro ciclo, 19.0% concluíram o ensino secundário e 7.3% possuíam o ensino superior. Em relação à situação jurídica, a maioria dos participantes (83.2%) encontravam-se condenados, enquanto 16.8% se encontravam preventivos. O tipo de crime cometido com maior percentagem (30.7%) foi o tráfico de estupefacientes (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica dos participantes

	n	*%*
Nacionalidade		
Portuguesa	131	95.6
Outras	6	4.3
Estado Civil		
Solteiro	81	59.1
Divorciado/separado	21	15.3
Viúvo	5	3.6
Casado/União de Facto	30	21.9
Habilitações Literárias		

1º Ciclo	8	5.8
2º Ciclo	45	32.8
3º Ciclo	48	35.0
Ensino Secundário	26	19.0
Ensino Superior	10	7.3
Situação Jurídica		
Condenados	114	83.2
Preventivos	23	16.8
Tipo de Crime		
Tráfico de Estupefacientes	42	30.7
Ofensa à Integridade Física	13	9.5
Falsificação de Documentos	21	15.3
Violência Doméstica	13	9.5
Homícidio	10	7.3
Roubo	26	19.0
Condução sem Habilitação Legal	11	8.0

Instrumentos

A recolha dos dados foi realizada através do Questionário Sociodemográfico e Jurídico Penal, do *International Affective Picture System* (IAPS), do *Self-Assessment Manikin* (SAM), e do *Self-Report Psychopathy Scale-Short Form* (SRP-SF).

O Questionário Sociodemográfico e Jurídico Penal foi utilizado sob forma de entrevista para recolher informações acerca das características sociodemográficas (e.g., idade, habilitações académicas, estado civil) e jurídico penais dos participantes (e.g., tipo de crime, duração da pena, reincidência).

O *International Affective Picture System* (IAPS; Lang et al., 2008) foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Soares et al. (2015). A última versão do IAPS (Lang et al., 2008) inclui 1.182 imagens retratando uma ampla variedade de categorias de conteúdo, como animais, paisagens naturais, imagens de mutilação e imagens eróticas. Após a observação das imagens do IAPS, foi utilizado o *Self-Assessment Manikin* (SAM; Lang et al., 2008), validado para a população portuguesa por

Soares et al. (2015), com o objetivo de medir as respostas emocionais dos participantes ao observarem as imagens do IAPS. Com base numa descrição dimensional das emoções, que propõe que estas devem ser caracterizadas ao longo de um pequeno número de dimensões subjacentes e independentes, o SAM fornece, para cada imagem do IAPS, normas para as dimensões afetivas de valência (indicando o grau de prazer que um estímulo pode gerar, variando de algo desagradável, que faz o participante sentir-se triste ou infeliz, a algo agradável, que o faz sentir-se feliz), excitação (indicando o grau de excitação ou ativação que um sujeito pode sentir em relação a um estímulo, variando de sentir-se calmo e relaxado a sentir excitação ou estar alerta) e dominância (indicando o grau de controlo que um sujeito sente sobre um estímulo, variando da sensação de que ele/ela não tem poder para lidar com a situação a sentir-se dominante ou no controlo dela). O estudo original (Lang et al., 1997), não apresentou valores de *alpha de cronbach*. No presente estudo, este instrumento apresentou um *alpha de Cronbach* de 0.868, o que constitui uma alta consistência interna.

O *Self-Report Psychopathy Scale-Short Form*, adaptado para população portuguesa por Seara-Cardoso et al. (2019), é um instrumento de autorrelato composto por 29 itens selecionados da versão completa (64 itens; Paulhus et al., 2015). Este instrumento possui a mesma estrutura da PCL R, isto é, avalia quatro facetas da psicopatia: Interpessoal (itens 7, 9, 10, 15, 19, 23 e 26); Afetiva (itens 3,8, 13, 16, 18, 24 e 28); Estilo de Vida (itens 1, 4, 11, 14, 17, 21 e 27) e Antissocial (itens 2, 5, 6, 12, 20, 22, 25 e 29). Para a categorização da propensão psicopática, os indivíduos são classificados com base na distribuição dos valores obtidos. Indivíduos com um valor de 70 ou mais, são considerados como possuindo maior propensão psicopática, os indivíduos que pontuam entre 50 e 69, podem ter uma propensão moderada de psicopatia, e os indivíduos que pontuam abaixo de 50 possuem menor propensão psicopática (Paulhus et al., 2016). No estudo original de Paulhus et al. (2016), o instrumento apresenta no total um *alpha de cronbach* de 0.90 (faceta interpessoal - (α) = 0.78; afetiva - (α) = 0.80; estilo de vida - (α) = 0.82; antissocial - (α) = 0.83).

No estudo de Seara-Cardoso et al. (2019), o *Alpha de Cronbach* foi de 0.800 para o total da escala. Neste estudo, o SRP-SF apresentou um *alpha de Cronbach* de 0.902 para a escala total, o que constitui uma alta consistência interna. Na subescala Interpessoal apresentou um *alpha de cronbach* de 0.762, constituindo uma consistência interna moderada; na subescala Afetiva apresentou um *alpha de chronbach* de 0.577, constituindo uma baixa consistência interna; na subescala Estilo de Vida apresentou um *alpha de cronbach* de 0.772, constituindo uma consistência interna moderada; e na subescala Antissocial apresentou um *alpha de cronbach* de 0.694, o que constitui uma baixa consistência interna.

Procedimento

Devido ao presente estudo estar integrado num projeto de investigação mais alargado, intitulado "Emotional Processing and Psychopathy in Male and Female Offenders", foram solicitadas, numa fase inicial, as autorizações aos autores dos instrumentos originais, bem como o parecer da Comissão de Ética para Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho (CEICSH 153/2022).

De seguida, realizou-se o pedido de autorização à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais para recolha de dados nos Estabelecimentos Prisionais do norte de Portugal.

A recolha de dados ocorreu de modo presencial em quatro Estabelecimentos Prisionais masculinos do norte de Portugal, dividindo os participantes em grupos de aproximadamente 10 elementos, na escola, biblioteca e parlatório dos estabelecimentos prisionais. Previamente ao preenchimento dos questionários, procedeu-se à explicação dos objetivos do estudo, dos critérios de inclusão necessários para a participação e da natureza voluntária e confidencial da participação no estudo, assim como a possibilidade de desistirem da participação a qualquer momento. Nesta sequência, foi requerida a assinatura do consentimento informado. Em média, os participantes demoraram aproximadamente 40 minutos no preenchimento dos instrumentos.

Análise de Dados

Após realizada a recolha de dados, os mesmos foram inseridos no *Software* Estatístico *IBM SPSS*, versão 29.0, de forma a proceder à sua análise estatística.

Esta envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas, médias e respetivos desvios-padrão) e estatística inferencial para os dois grupos que constituem a amostra (indivíduos com maior propensão psicopática e indivíduos com menor propensão psicopática). Nesta, utilizou-se o coeficiente de consistência interna *Alpha de Cronbach*, oteste binomal, teste *t de Student* para amostras independentes e o coeficiente de correlação de Pearson. Aceitou-se a normalidade de distribuição nas amostras com dimensão superior a 30, de acordo com o teorema do limite central (Casella & Berger, 2002). A homogeneidade de variâncias foi analisada com o teste de Levene. O nível de significância para rejeitar a hipótese nula foi fixado em $(\alpha) < .05$.

Resultados

Análises descritivas

Os dados relativos às médias, desvios-padrão, mínimos e máximos referentes aos valores obtidos pelos sujeitos nos domínios valência, excitação e dominância para imagens agradáveis, desagradáveis e neutras são apresentados na Tabela 2.

No que respeita ao domínio da valência, nas imagens agradáveis os participantes obtiveram uma média de 7.12 numa escala de 1 a 9, o que indica que de forma geral, os mesmos consideraram os estímulos agradáveis. Nas imagens desagradáveis, a média obtida pelos participantes foi de 2.71, o que significa que, na sua maioria, estes consideraram estas imagens bastante desagradáveis. Nas imagens neutras, a média obtida foi de 5.69, o que demonstra que os participantes consideraram as imagens moderadamente agradáveis.

No domínio excitação, a média obtida pelos participantes para as imagens agradáveis foi de 6.00, o que revela que estes estímulos foram percebidos como moderadamente excitantes. Nas imagens desagradáveis, os indivíduos apresentaram uma média de 6.51, ou seja, foram consideradas pelos participantes como estímulos fortemente excitantes. Nas imagens neutras, os participantes obtiveram uma média de 4.45, o que significa que estes estímulos foram percebidos como pouco ativadores para os sujeitos.

Por fim, no domínio dominância, nas imagens agradáveis, os participantes apresentaram uma média de 7.07, o que indica uma elevada sensação de controlo. Nas imagens desagradáveis, os indivíduos apresentaram uma média de 5.64, mostrando uma sensação de controlo moderada. Nas imagens neutras, os participantes apresentaram também uma elevada sensação de controlo, com uma média de 7.10.

Resumindo, perante estímulos agradáveis, os indivíduos tenderam a apresentar níveis de valência e dominância altos e níveis moderados de excitação. Quanto aos estímulos desagradáveis, os indivíduos obtiveram níveis de valência e dominância baixos e níveis altos de excitação. Por fim, nos estímulos neutros, os participantes obtiveram valores moderados para a valência e a dominância, e valores baixos para a excitação.

Tabela 2

Médias e Desvios-Padrão das imagens agradáveis, desagradáveis e neutras e da valência, excitação e dominância

	N	*Mínimo*	*Máximo*	*Média*	*Desvio-Padrão*
Valência Agradável	137	2.90	9.00	7.12	1.61
Valência Desagradável	137	1.00	8.90	2.71	1.39
Valência Neutra	137	2.60	9.00	5.69	1.11
Excitação Agradável	137	1.00	9.00	6.00	1.84
Excitação desagradável	137	1.60	9.00	6.51	1.82
Excitação Neutra	137	1.00	8.80	4.45	1.96

Dominância Agradável	137	1.00	9.00	7.07	1.65
Dominância Desagradável	137	1.00	9.00	5.64	2.46
Dominância Neutra	137	1.00	9.00	7.10	1.69

Os dados relativos às médias, desvios-padrão, mínimo e máximo referente aos valores obtidos pelos sujeitos no instrumento SRP e nas suas facetas (interpessoal, afetiva, estilo de vida e antissocial) são apresentados na Tabela 3.

A faceta Interpessoal apresentou uma média de 15.06 (*DP* = 5.50), com pontuações variando entre 6 e 29. Estes valores sugerem níveis moderados de características interpessoais associadas à psicopatia, como manipulação e egocentrismo. A faceta Afetiva registou a média mais baixa entre todas (*M* = 14.88; *DP* = 4.37), indicando menor prevalência de traços como frieza emocional, ausência de empatia ou remorso. Por sua vez, a faceta Estilo de Vida revelou a média mais elevada (*M* = 18.39; *DP* = 6.10), sugerindo que comportamentos impulsivos, irresponsáveis ou parasitários são os mais frequentemente reportados pelos participantes. Esta dimensão também apresentou uma das maiores variações, o que pode indicar diferenças substanciais entre os indivíduos da amostra quanto a este tipo de funcionamento comportamental. A faceta Antissocial apresentou uma média de 16.77 (*DP* = 5.50), com valores entre 7 e 33, refletindo a presença de comportamentos problemáticos ou de transgressão social, ainda que com uma amplitude considerável.

Por fim, a pontuação total obtida no instrumento variou entre 34 e 120, com uma média geral de 68.41 (*DP* = 18.84). Esta média indica um nível global moderado de traços psicopáticos na amostra analisada. O elevado desvio-padrão da pontuação total revela uma dispersão significativa, sugerindo que os participantes diferem amplamente quanto ao grau geral de traços psicopáticos.

Tabela 3

Médias e Desvios-Padrão das facetas Interpessoal, Afetiva, Estilo de vida e Antissocial do SRP

	N	*Mínimo*	*Máximo*	*Média*	*Desvio-Padrão*
Interpessoais	137	6	29	15.06	5.497
Afetiva	137	7	27	14.88	4.374
Estilo de Vida	137	7	33	18.39	6.098
Antissocial	137	7	33	16.77	5.504
Total	137	34	120	68.4088	18.83698

Diferenças na proporção de indivíduos com maior e menor propensão psicopática

Após a aplicação do teste binomial, percebeu-se que a proporção de sujeitos com menor propensão psicopática é estatisticamente superior à de sujeitos com maior propensão psicopática (54% vs. 46%), sendo a diferença estatisticamente significativa (p = .036.) (cf. tabela 4).

Posto isto, a hipótese 1 (i.e., a percentagem de reclusos com menor propensão psicopática é superior à de sujeitos com maior propensão psicopática), confirma-se (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Análise de propensão psicopática dos participantes

	N	*%*
Menor propensão psicopática	74	54.0%
Maior propensão psicopática	63	46.0%
Total	137	100.0%

Diferenças nos domínios valência, excitação e dominância entre indivíduos com maior e menor propensão psicopática

Da análise dos testes *t* de *student*, nas imagens desagradáveis, não se observaram diferenças significativas entre indivíduos com maior e menor propensão psicopática no domínio dominância, $t(135) = -.278$, $p = .722$, $d = .048$.

Nas imagens agradáveis, foram observadas diferenças significativas entre os grupos no domínio valência, $t(135) = -1.531$, $p = .007$, $d = -.262$, mas não no domínio excitação, $t(135) = .747$, $p = .997$, $d = .128$.

Por fim, também nas imagens neutras, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos quer para o domínio valência, $t(135) = .499$, $p = .506$, $d = .086$, quer para o domínio excitação, $t(135) = .666$, $p = .619$, $d = .114$, quer para a dominância, $t(135) = .676$, $p = .500$, $d = .116$.

Podemos concluir, assim, que a hipótese 2.1. (i.e., os reclusos com maior propensão psicopática apresentam maiores valores de dominância ao visualizar imagens desagradáveis, em comparação com os reclusos com menor propensão psicopática) não se confirma. A hipótese 2.2. (i.e., os indivíduos com maior propensão psicopática apresentam valores de valência e excitação próximos

aos daqueles com menor propensão psicopática ao visualizarem imagens agradáveis), confirma-se parcialmente, pois existiu diferença estatisticamente significativa no domínio da valência, mas não no domínio da excitação. (cf. Tabela 5). Por sua vez, a hipótese 2.3 (i.e., os indivíduos com maior propensão psicopática apresentam valores de valência, excitação e dominância próximos dos valores dos indivíduos com menor propensão psicopática ao observar imagens neutras) confirma-se (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Comparação das imagens agradáveis, desagradáveis e neutras da valência, excitação e dominância, considerando a propensão psicopática

	Menor propensão psicopática		Maior propensão psicopática		*t*(135)	*p*	*d* de Cohen
	M	*DP*	*M*	*DP*			
Valência Agradável	6.93	1.79	7.35	1.36	-1.531	.007	-.262
Valência Desagradável	2.81	1.60	2.61	1.10	.829	.014	.142
Valência Neutra	4.52	1.70	4.37	1.84	.499	.416	.086
Excitação Agradável	6.11	1.79	5.87	1.91	.747	.997	.128
Excitação Desagradável	6.66	1.75	6.34	1.91	1.008	.536	.173
Excitação Neutra	5.75	1.03	5.63	1.21	.666	.543	.114
Dominância Agradável	7.03	1.65	7.12	1.67	-.344	.667	-.059
Dominância Desagradável	5.59	2.50	5.71	2.44	-.278	.722	-.048
Dominância Neutra	7.19	1.65	6.99	1.76	.676	.779	.116

Nota. *M* – Média; *DP* – Desvio padrão; *p* – Nível de significância do teste de Levene para homogeneidade de variâncias; *d* de Cohen – Tamanho do efeito.

Correlações entre as facetas da psicopatia e os domínios valência, excitação e dominância

Na mostra de indivíduos com maior propensão psicopática (n = 63), encontram-se correlações negativas estatisticamente significativas entre o domínio valência e a faceta interpessoal da psicopatia para as imagens desagradáveis ($r = .314$, $p = .012$), isto é, quanto maiores forem os valores do domínio da valência ao visualizar as imagens desagradáveis, menores são os valores da faceta interpessoal. Por sua vez, observaram-se correlações positivas estatisticamente significativas entre o domínio dominância e a faceta afetiva para as imagens desagradáveis ($r = .316$, $p = .012$), ou seja, quanto maiores forem os valores no domínio da valência ao observar as imagens desagradáveis, maiores são os valores da

faceta afetiva da psicopatia. As facetas estilo de vida e antissocial não se correlacionaram com os domínios valência, excitação e dominância em nenhuma das imagens (i.e., agradáveis, desagradáveis e neutras).

Posto isto, confirma-se a Hipótese 3 (i.e., as facetas interpessoal e afetiva estão mais ligadas aos valores de valência, excitação e dominância observados nos indivíduos com maior propensão psicopática, do que as facetas estilo de vida e antissocial) (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Correlação entre as imagens agradáveis, desagradáveis e neutras da valência, excitação e dominância, considerando as facetas Interpessoal, Afetiva, Estilo de Vida e Antissocial da psicopatia.

	Interpessoal	Afetiva	Estilo vida	Antissocial
Valencia Agradável	.080	-.144	.183	-.040
Valencia Desagradáveis	-.314*	.051	-.200	.200
Valência Neutra	-.179	-.040	.191	.191
Excitação Agradável	.103	-.102	.051	-.166
Excitação Desagradáveis	-.154	-.057	.127	-.028
Excitação Neutras	-.147	.122	.076	.090
Dominância Agradável	.200	.165	.159	.79
Dominância Desagradáveis	.146	.316*	.080	.193
Dominância Neutras	.243	.127	.199	.175

Nota. * $p < .05$

Discussão

O objetivo principal deste estudo foi analisar o processamento emocional em indivíduos do sexo masculino em reclusão com maior e menor propensão psicopática.

A psicopatia envolve características como egocentrismo, manipulação, irresponsabilidade, superficialidade afetiva, impulsividade e ausência de remorsos (Hare, 1991). Blair (2010) afirmou que os indivíduos que possuem traços psicopáticos apresentam um défice associado à regulação emocional do medo e da tristeza, o que os leva a ter dificuldades em compreender estas emoções como aversivas, não sentindo as consequências negativas de praticarem ações antissociais para com os outros. Posto isto, perceber como estes indivíduos processam as suas emoções e em que medida diferem de indivíduos com menor propensão psicopática torna-se de extrema relevância.

Os dados obtidos demonstraram que a maioria dos participantes apresenta uma baixa propensão psicopática, o que pode ser interpretado como indicativo de que, mesmo em contextos de

reclusão, a psicopatia não é uma condição predominante. Isto vai ao encontro do afirmado por Skeem e Cooke (2010), ou seja, que nem todos os comportamentos criminosos estão necessariamente associados à existência de traços psicopáticos, especialmente se os sujeitos possuírem fatores de proteção ou se operarem em contextos que limitam as oportunidades de cometer crimes. Contudo, neste estudo foi verificada uma prevalência de 46.0% de reclusos com maior propensão psicopática, um valor superior ao esperado. Este resultado sugere que a prevalência de traços psicopáticos nesta amostra é mais elevada do que a geralmente reportada na literatura. Estudos prévios indicaram que a prevalência de psicopatia na população geral ronda os 1–2%, com valores superiores associados ao género masculino (Sanz-García et al., 2021), enquanto na população prisional esta percentagem varia entre 15% e 25%, conforme apontado por Hare (2003) e Neumann e Hare (2008).

Ao contrário do que foi inicialmente hipotetizado, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos nas respostas emocionais a imagens desagradáveis, o que levou à não confirmação da hipótese 2.1. (i.e., os reclusos com maior propensão psicopática apresentam maiores valores de dominância ao visualizar imagens desagradáveis, em comparação com os reclusos com menor propensão psicopática). Esta hipótese partia da suposição, sustentada por literatura prévia (e.g., Newman et al., 2010) de que os indivíduos com maiores níveis de psicopatia tendem a não considerar os estímulos negativos como tão aversivos quanto os indivíduos sem psicopatia os considerariam, o que pressupõe uma maior sensação de controlo. Uma possível explicação para a ausência de diferenças significativas pode residir no próprio contexto prisional. O ambiente de reclusão pode afetar a forma como os indivíduos processam emoções, nomeadamente pela exposição prolongada a situações emocionalmente intensas, à rotina institucionalizada e à necessidade constante de regulação emocional como estratégia de sobrevivência (Jordan, 2011). Nesse sentido, é plausível considerar que o ambiente carcerário possa ter atenuado ou uniformizado as reações emocionais dos participantes, independentemente da sua propensão psicopática, reduzindo assim as diferenças esperadas entre os grupos. Os resultados obtidos na hipótese 2.2 (i. e., os indivíduos com maior propensão psicopática apresentam valores de valência e excitação próximos aos daqueles com menor propensão psicopática ao visualizarem imagens agradáveis), indicam que indivíduos com maior propensão psicopática atribuem valores significativamente mais baixos de valência às imagens agradáveis, sugerindo uma resposta afetiva positiva atenuada. Este resultado está alinhado com os resultados de Baskin-Sommers et al. (2015), que demonstraram que indivíduos com traços psicopáticos exibem respostas afetivas positivas atenuadas a estímulos normalmente considerados prazerosos. No entanto, a ausência de diferença na excitação sugere que, embora o conteúdo das imagens possa ser menos positivamente avaliado, ele

ainda é percebido como emocionalmente estimulante por ambos os grupos. Por fim, a hipótese 2.3 foi confirmada, mostrando que os grupos não diferiram significativamente na avaliação de imagens neutras. Este resultado está em linha com o esperado, uma vez que estímulos neutros tendem a gerar respostas emocionais menos intensas e, por isso, menos suscetíveis à influência de traços de personalidade como a psicopatia.

Os resultados deste estudo revelam padrões distintos na forma como as facetas da psicopatia se relacionam com os domínios da valência, excitação e dominância em resposta a estímulos desagradáveis, confirmando a Hipótese 3. As descobertas destacam que as facetas interpessoal e afetiva da psicopatia estão mais associadas a processos emocionais do que as facetas estilo de vida e antissocial. A correlação negativa entre a faceta interpessoal e a valência para imagens desagradáveis (r = -0,314, p = 0,012) sugere que indivíduos com traços interpessoais mais marcados (e.g., manipulação, charme superficial) tendem a avaliar estímulos aversivos como menos desagradáveis. Este resultado pode refletir uma dificuldade em processar adequadamente a negatividade emocional, possivelmente devido a um funcionamento atípico do sistema límbico, como proposto por Blair (2010). Por outro lado, a correlação positiva entre a faceta afetiva (e.g., frieza emocional, falta de empatia) e a dominância (r = 0,316, p = 0,012) sugere que indivíduos com maior insensibilidade afetiva relatam maior sensação de controlo ou superioridade diante de estímulos desagradáveis. Esse resultado está alinhado com a teoria da hipo-reatividade emocional na psicopatia (Yancey et al., 2019), em que a falta de medo e a dominância social são características centrais, sustentadas por evidências de baixa responsividade da amígdala a estímulos ameaçadores. A ausência de associações significativas entre as facetas estilo de vida e antissocial com os domínios da valência, excitação e dominância corrobora a distinção entre psicopatia primária (interpessoal/afetiva) e secundária (estilo de vida/antissocial) (Skeem et al., 2011). Enquanto a psicopatia primária está mais ligada a défices emocionais, a secundária parece estar mais associada a fatores comportamentais e externalizastes, como já observado em estudos que utilizam modelos bifatoriais (Patrick et al., 2009).

Limitações e Recomendações

O presente estudo apresenta diversas limitações que devem ser cuidadosamente consideradas em futuras investigações que se debrucem sobre a psicopatia e o processamento emocional dentro da mesma.

Uma das principais limitações prende-se com a relutância demonstrada por alguns participantes em colaborar com a investigação. Essa resistência pode estar relacionada a vários fatores, entre os quais se destacam crenças negativas associadas à participação em estudos científicos, receios de possíveis

repercussões negativas, e o facto de os reclusos serem frequentemente solicitados a integrar projetos de investigação, o que, ao longo do tempo, pode gerar fadiga, desinteresse e desconfiança em relação ao processo investigativo e aos seus objetivos. Tal atitude pode comprometer a qualidade dos dados recolhidos, uma vez que a motivação dos participantes é um fator essencial para garantir respostas autênticas e fiáveis.

Adicionalmente, os dados foram recolhidos exclusivamente em estabelecimentos prisionais masculinos da região norte do país, o que restringe a representatividade da amostra e limita a possibilidade de generalizar os resultados obtidos para a totalidade da população prisional nacional, incluindo reclusos de outras regiões e mulheres.

Deve-se ainda ter em consideração que o próprio ambiente prisional pode interferir de forma significativa no estado emocional dos participantes, afetando a forma como percecionam e processam os estímulos emocionais. O contexto de privação de liberdade, associado à rigidez das rotinas institucionais, pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias de autoproteção emocional, levando a respostas defensivas, enviesadas por desejabilidade social, ou mesmo a uma inibição parcial ou total da expressão emocional genuína. Dado este cenário, recomenda-se que investigações futuras adotem uma abordagem metodológica mais diversificada, integrando métodos complementares, como a observação comportamental, entrevistas clínicas ou até técnicas psicofisiológicas. Estes métodos podem ajudar a captar o processamento emocional de forma mais abrangente, ultrapassando os limites dos instrumentos de autorrelato, que estão particularmente sujeitos à manipulação consciente ou inconsciente da informação fornecida pelos participantes.

Importa ainda destacar a relevância de incluir amostras de indivíduos que pertencem à comunidade geral, ou seja, não institucionalizados, em futuras investigações. Ao restringir o estudo da psicopatia ao universo prisional, corre-se o risco de perpetuar uma visão enviesada e reducionista, que associa automaticamente traços psicopáticos à criminalidade e à reclusão. Na verdade, diversos estudos têm evidenciado a existência de indivíduos com traços psicopáticos bem integrados na sociedade, por vezes designados como "psicopatas bem-sucedidos", que conseguem adaptar-se às normas sociais e funcionam em ambientes profissionais e sociais sem recorrer à criminalidade (Pinto et al., 2025). Neste sentido, o estudo de indivíduos da comunidade geral, ou seja, não institucionalizados, pode ser fundamental para uma compreensão mais abrangente e realista da psicopatia. Permitirá identificar diferentes perfis e níveis de manifestação psicopática, bem como explorar fatores de moderação e adaptação que impedem o envolvimento em comportamentos antissociais. Além disso, incluir amostras de indivíduos não reclusos possibilitará estudar a psicopatia em contextos naturais e interativos com a

sociedade, o que amplia a validade ecológica das investigações. Este tipo de abordagem pode ser particularmente útil para o desenvolvimento de estratégias de prevenção, avaliação de risco não criminal e intervenções psicoeducativas em contextos escolares, familiares ou laborais, onde traços psicopáticos podem passar despercebidos, mas ainda assim gerar consequências importantes.

Outra dimensão importante a ser considerada é a inclusão de amostras femininas. A literatura científica sugere que a psicopatia pode manifestar-se de forma distinta entre homens e mulheres, tanto ao nível dos traços característicos como nas consequências comportamentais associadas. Investigações futuras que contemplem ambos os géneros permitirão comparar padrões, identificar diferenças relevantes e, sobretudo, desenvolver programas de intervenção mais ajustados às necessidades específicas de cada grupo (Haneveld et al., 2022).

Os resultados deste estudo possuem implicações importantes para a prática clínica, no que concerne à intervenção com indivíduos com características psicopáticas. Em contexto prisional, estas descobertas podem inferir a criação e estruturação dos programas de intervenção, pois considerando que os indivíduos com maior propensão psicopática podem ter algumas dificuldades em estabelecer ligações com os outros, seria de recomendar o desenvolvimento de estratégias focadas no comportamento e na tomada de decisão, assim como implementar estratégias de regulação emocional e reconhecimento das emoções. Além disso, a criação de programas que promovam o desenvolvimento cognitivo-emocional, associados a contextos estruturados de reforço positivo, pode auxiliar na redução de comportamentos de risco e na melhoria da reintegração social destes indivíduos.

Em síntese, este estudo reforça a importância de adotar uma abordagem ampla e integrativa no estudo da psicopatia, que contemple múltiplos contextos, metodologias e perfis, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda e eficaz desta complexa condição psicológica.

Conclusão

Os resultados obtidos no presente estudo não corroboram a evidência empírica previamente estabelecida sobre a correlação entre uma maior propensão psicopática e défices no processamento emocional. Ainda assim, a literatura consolidada demonstra que este tipo de funcionamento emocional, caracterizado por um distanciamento afetivo e pela dificuldade em identificar e responder adequadamente aos estados emocionais, continua a ser considerado um elemento central na expressão dos traços psicopáticos. Tal padrão ajuda a explicar, em parte, a frieza emocional, a manipulação interpessoal e, por vezes, a propensão para comportamentos antissociais ou criminosos, características frequentemente associadas à psicopatia. (Patrick et al., 2009)

Para além do seu contributo teórico, este estudo oferece também implicações práticas relevantes. Os dados aqui apresentados sugerem a importância de desenvolver programas de intervenção mais abrangentes e eficazes, que não se limitem à modificação do comportamento observável, mas que incidam igualmente sobre os processos emocionais subjacentes. Estratégias interventivas promissoras poderão centrar-se na promoção da consciência emocional, no treino de reconhecimento e rotulagem de emoções (próprias e alheias), bem como na regulação emocional adaptativa. A integração destes componentes pode favorecer uma intervenção mais profunda e sustentada, contribuindo para a mitigação de alguns dos impactos negativos associados aos traços psicopáticos.

Referências Bibliográficas

Baskin-Sommers, A. R., Curtin, J. J., & Newman, J. P. (2015). Altering the cognitive-affective dysfunctions of psychopathic and externalizing offender subtypes with cognitive remediation. *Clinical Psychological Science*, 3(1), 45-57. https://doi.org/10.1177/2167702614560744

Blair, R. J. R. (2010). Neuroimaging of psychopathy and antisocial behavior: a targeted review. *Current psychiatry reports*, 12, 76. https://doi.org/10.1007/s11920-009-0086-x

Casella, G., & Berger, R. L. (2002). *Statistical inference* (2nd ed.). Duxbury.

Cunha, O., Braga, T., & Gonçalves, R. A. (2018). Psychopathy and intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1–19. DOI:10.1177/0886260518754870.

Edalati, H., Walsh, Z., & Kosson, D. S. (2016). Attentional bias in psychopathy: an examination of the emotional dot-probe task in male jail inmates. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 60(11), 1344-1357. https://doi.org/10.1177/0306624X15577791

Guay, J. P., Ruscio, J., Knight, R. A., & Hare, R. D. (2007). A taxometric analysis of the latent structure of psychopathy: evidence for dimensionality. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(4), 701. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0021-843X.116.4.701

Gordon, H. L., Baird, A. A., & End, A. (2004). Functional differences among those high and low on a trait measure of psychopathy. *Biological psychiatry*, 56(7), 516-521.

Hall, J. R., Benning, S. D., & Patrick, C. J. (2004). Criterion-related validity of the three-factor model of psychopathy: Personality, behavior, and adaptive functioning. *Assessment*, 11(1), 4-16.

Haneveld, E. k., Molenaar, D., de Vogel, V., Smid, W., & Kamphuis, J. H. (2022). Do we hold males and females to the same standard? A measurement invariance study on the psychopathy checklist-revised. *Journal of Personality Assessment*, *104*(3), 368-379. DOI: 10.1080/00223891.2021.1947308.

Hare, R. D. (2003). Psychopathy checklist—revised. *Psychological assessment*. https://doi.org/10.1037/t01167-000

Jordan, M. (2011). The prison setting as a place of enforced residence, its mental health effects, and the mental healthcare implications. *Health & place*, *17*(5), 1061-1066. https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2011.06.006Get rights and content

Kret, M. E., & Ploeger, A. (2015). Emotion processing deficits: a liability spectrum providing insight into comorbidity of mental disorders. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 52, 154. https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2015.02.011

Lang, P. J., Bradley, M. M., & Cuthbert, B. N. (1997). International Affective Picture System (IAPS): Technical manual and affective ratings. Gainesville, FL: University of Florida, *The Center for Research in Psychophysiology.*

Lilienfeld, S. O. (2018). The multidimensional nature of psychopathy: Five recommendations for research. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *40*, 79-85. DOI:10.1007/s10862-018-9657-7.

Ling, S., Umbach, R., & Raine, A. (2019). Biological explanations of criminal behavior. *Psychology, Crime & Law,* 25(6), 626-640. https://doi.org/10.1080/1068316X.2019.1572753

Newman, J. P., Curtin, J. J., Bertsch, J. D., & Baskin-Sommers, A. R. (2010). Attention moderates the fearlessness of psychopathic offenders. *Biological psychiatry,* 67(1), 69. https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2009.07.035

Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2008). Psychopathic traits in a large community sample: links to violence, alcohol use, and intelligence. *Journal of consulting and clinical psychology*, *76*(5), 893. https://psycnet.apa.org/record/2008-13625-018

Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and psychopathology*, *21*(3), 913-938. DOI:10.1017/S0954579409000492.

Paulhus, D. L., Neumann, C. S., & Hare, R. D. (2016). Manual for the Self-Report Psychopathy Scale – 4th Edition (SRP-4). *Toronto: Multi-Health Systems.*

Pinto, A. M., Cruz, A. R., Sousa, C., & Cunha, O. (2025). Psychopathy in Community: Social Status, Professional Occupation, and Antisocial Behavior. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 1-22. https://doi.org/10.1007/s10610-025-09623-2

Pham, T. H., Gwicz, J., Scohier, A. S., Rousseau, D., Douven, N., Lavallée, A., & Saloppé, X. (2021). Emotional Content Analysis Among People With Psychopathy During Emotional Induction by the International Affective Picture System. http://hdl.handle.net/20.500.12210/58936

Rijnders, R. J., Terburg, D., Bos, P. A., Kempes, M. M., & Honk, J. V. (2021). Unzipping empathy in psychopathy: Empathy and facial affect processing in psychopaths. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 131, 1116–1126. https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2021.10.020

Ruchensky, J. R., Bauer, E. A., Edens, J. F., & MacNamara, A. (2023). Triarchic psychopathy and affective picture processing: An event-related potential study. *Biological psychology*, *182*, 108628. https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2023.108628

Seara-Cardoso, A., Queiros, A., Fernandes, E., Coutinho, J., & Neumann, C. (2019). Psychometric properties and construct validity of the short version of the Self-Report Psychopathy Scale in a Southern European sample. *Journal of personality assessment*. 102(4), 459. https://doi.org/10.1080/00223891.2019.1617297

Sellbom, M., & Drislane, L. E. (2021). The classification of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior*, 59, 101473. https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101473

Skeem, J. L., & Cooke, D. J. (2010). Is criminal behavior a central component of psychopathy? Conceptual directions for resolving the debate. *Psychological assessment*, *22*(2), 433. DOI: 10.1037/a0008512. https://doi.org/10.1177/1529100611426706

Skeem, J. L., Polaschek, D. L., Patrick, C. J., & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathic personality: Bridging the gap between scientific evidence and public policy. *Psychological Science in the Public Interest*, *12*(3), 95-162.

Snowden, R. J., Mitchell, E., Ojo, S. K., Preedy-Lunt, R., & Gray, N. S. (2023). Spatial attention to emotional images and psychopathic personality traits. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *45*(2), 333-345. https://doi.org/10.1007/s10862-022-10012-w

Soares, A. P., Pinheiro, A. P., Costa, A., Frade, C. S., Comesaña, M., & Pureza, R. (2015). Adaptation of the international affective picture system (IAPS) for European Portuguese. *Behavior Research Methods,* 47, 1161. DOI: 10.3758/s13428-014-0535-2.

Vallet, W., Hone-Blanchet, A., & Brunelin, J. (2020). Abnormalities of the late positive potential during emotional processing in individuals with psychopathic traits: a meta-analysis. *Psychological medicine*, *50*(12), 2085-2095. DOI:10.1017/S0033291719002216.

Vasconcellos, S. J. L., Salvador-Silva, R., Dias, A. C., Davóglio, T. R., & Gauer, G. (2014). Psicopatia e reconhecimento de expressões faciais de emoções: uma revisão sistemática. *Psicologia: Teoria e Pesquisa,* 30 (2), 125. https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200001

Walters, G. D. (2003). Predicting institutional adjustment and recidivism with the Psychopathy Checklist factor scores: A meta-analysis. *Law and Human Behavior*, 27, 541–558. DOI:10.1023/A:1025490207678.

Yancey, J. R., Venables, N. C., & Patrick, C. J. (2016). Psychoneurometric operationalization of threat sensitivity: Relations with clinical symptom and physiological response criteria. *Psychophysiology*, *53*(3), 393-405. https://doi.org/10.1111/psyp.12512

Anexo A
Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 153/2022

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Emotional Processing and Psychopathy in Female Offenders*

Equipa de Investigação: Marina Leonor Pinheiro (IR), Doutoramento em Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves (Orientador), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Doutora Olga Cunha (Orientadora), Universidade Lusófona, Porto

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Emotional Processing and Psychopathy in Female Offenders.*
Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.
Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 29 de dezembro de 2022.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto